



com[por]

com[por]

caderno de pesquisa
2017 – volume 2
ISSN: 2526-4869

SUMÁRIO

EDITORIAL	p.04
VINCENT NÃO ERA LOUCO airton jordani	p.05
O ESCONDERIJO rafael fontes gaspar	p.11
]SENTAR[marta facco	p.18
VERSO EM FRENTE AO VERSO lucas prestes da silva	p.25
[A PALAVRA NÃO É MAIS AÇÃO, MAS UM LUGAR QUE PODEMOS VISITAR] monica hoff	p.41
NÃO SABER taliane tomita	p.41

EDITORIAL

EQUIPE EDITORIAL

Editora Chefe
Profª Drª Elaine Schmidlin

Editoras
Andressa Argenta
Carolina Ramos Nunes
Taliane Tomita
Priscila Costa Oliveira

Contato
compor.revista@gmail.com
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA
CATARINA

Centro de Artes Av. Madre Benvenuta, 1907
Itacorubi, Florianópolis - SC (48) 3321-8300
Publicação vinculada ao Grupo de
Pesquisa Entre Paisagens UDESC/CNPq

Nesta edição são apresentados ensaios textuais em experimentações com a filosofia, a poesia e a arte. A poética de Ana Cristina César atravessa os textos dos autores contaminando suas escritas a partir da noção do fora na linguagem literária de Maurice Blanchot. Em variáveis infinitas, a diferença afirma-se nas escritas, compondo exercícios ficcionais que experimentam a exterioridade da linguagem em um plano de imanência. Cartas, inspiradas no baralho cigano, abrem os ensaios e propõem com os textos, a reinvenção da arte e da educação, além de convidar o leitor a com[por] com elas uma conversa infinita.

a organização.



0 – O Louco (Andarilho): está numa eterna busca, muitas vezes nem ele sabe especificamente do que; representa o princípio e o fim, o pensamento inconsciente, o querer, o destino e a ingenuidade; a carta do tarot de Marselha O Louco pode significar o início de uma nova empreitada, com disposição para encarar o novo e o desconhecido; também representa a moral e o questionamento de padrões dúbios de comportamento; a carta O Louco pode também indicar uma inclinação a se voltar mais para a espiritualidade.



Vincent não era louco. Antonin tinha certeza disso. Aliás, escreveu um ensaio defendendo-o, a partir de um pedido de Pierre. O livro surgiu na K Éditeur no final do ano de 1947, e veio a público apenas alguns meses antes da morte de seu autor. Um ano antes, o mesmo Antonin já sentenciara: **a sociedade tacha de loucura as visões exorbitadas de seus artistas e sufoca seus gritos no papel impresso. Foi assim que calaram Charles, Edgar, Gérard e Isidore,** ele me dizia.

Dia desses, ouvindo o que Gilles tinha a dizer sobre os autores que **escrevem de modo estrangeiro em sua própria língua,** lembrei de Vincent. Porque Vincent era um pintor que pintava em uma língua diferente a da pintura. Incompreendido, não foi aceito por sua época. Fazia o que não devia ser feito, com o **escrúpulo único da pincelada surda e pateticamente aplicada. A cor plebéia das coisas, mas tão justa, tão amorosamente justa, que não existe pedra preciosa tão rara quanto ela.** Tal e qual como na obra poética de Ana, não havia entrelinhas na pintura de Vincent.

*Hã em todo demente um
gênio incompreendido em
cuja mente brilha uma
ideia assustadora, e que
só no delírio consegue
encontrar uma saída para
as coerções que a vida
lhe preparou.*

“Não tem insinuação nenhuma, não”, diria Ana.

Já as visões exorbitas conversam com a turbulência a que se referia Peter: ela atravessa domínios tão distintos como a experiência cotidiana, a linguagem, a arte e o pensamento, provocando neles uma espécie de subversão silenciosa, que se caracteriza por uma conjugação incomum de evanescência e intensidade, passividade e paixão, solidão e comunhão, vida e morte, excesso e dissolução (do sujeito, do saber, da totalidade, do tempo, da memória, do trabalho, da linguagem). Esses efeitos são os mesmos que marcam a loucura.

Peter insiste: não é a loucura que está sendo descrita, mas um modo específico que nossa cultura encontrou para relacionar-se com o Fora. A literatura, a arte e a loucura fazem parte do que Maurice denominava “A parte do fogo”, aquilo que uma cultura reduz à destruição e às cinzas, aquilo com o que ela não pode conviver, aquilo de que ela faz um incêndio eterno.

*Em todo psiquiatra vivo há
um repugnante e sórdido
ataxismo que lhe faz ver
em cada artista, em cada
gênio, diante dele,
um inimigo.*

O próprio Peter, tentou mostrar, por meio da relação de Gilles e Michel com a literatura, como a paixão do fora teria causado em ambos um sopro desarrazoado, redesenhando a relação do pensamento com seus confins, chame-se ele fora, desarrazo, loucura ou fluxo esquizo. Até mesmo porque, se existe razão, claro está que existe uma desarrazo.

Michel escreveu sua “História da Loucura” a partir de seu interesse pela presença da loucura na literatura. E Peter, pensando nas palavras de Michel logo entendeu que se ele acreditava na literatura, é porque acreditava em uma exterioridade. E mais, o interesse de Michel na linguagem da loucura baseava-se no fato de que é justamente nela que está em jogo essa mesma exterioridade.

Gilles dizia que Antonin **pode ser considerado a realização da literatura precisamente porque ele é esquizofrênico e não porque ele não é.** E o que é esta esquizofrenia senão uma certa relação com o processo e o fora? **A esquizofrenia é uma possibilidade do pensamento.**

*Quando fico doente é porque
me enfeiticaram, e não
posso me considerar doente
se não creio que alguém
tem interesse em roubar
minha saúde e tirar
proveito disso.*

Assim como Antonin, Vincent e sua vida no pensamento do fora sofrem essa abrupta interrupção quando ele, diagnosticado, internado e “tratado”, se torna o esquizofrênico de hospital ao qual se refere Peter, pois o esquizofrênico de hospital é totalmente outra coisa - fechamento do fora, interrupção do processo, ou sua intensificação vazia.

O esquizo de Peter, aliás, é um personagem conceitual, que não deve ser confundido com sua figura psicossocial, entidade clínica social - e acrescido: culturalmente - produzida, trapo de hospital. Não se pode confundir, em suma, o pensamento enquanto relação com o fora, e a loucura enquanto clausura do fora.

Artifício e novo triunfo da loucura: esse mundo que acredita avaliá-la, justificá-la através da psicologia, deve justificar-se diante dela, uma vez que em seu esforço e em seus debates ele se mede por obras desmedidas como as de Friedrich, de Vincent, de Antonin. E nele não há nada, especialmente aquilo que ele pode conhecer da loucura, capaz de assegurar-lhe que essas obras da loucura o justificam.

Vincent é pintor e nada mais, nada de filosofia, de mística, de rito, de psicurgia ou de liturgia.

(...)

Seus girassóis de ouro brônzeo estão pintados: eles estão pintados como girassóis e nada mais.

Michel nos contou sobre como a razão psiquiátrica converte a loucura em silêncio. O fato psicossocial da loucura constitui um triste congelamento. Muitos anos antes, Antonin já sentenciara: **em todo psiquiatra vivo há um repugnante e sórdido atavismo que lhe faz ver em cada artista, em cada gênio, diante dele, um inimigo.** Essa mesma razão que se diz portadora de uma cura, de uma normalidade. Mas o que é a normalidade senão o refúgio dos mediocres, dos covardes, dos iguais. Um desperdício de possibilidades, um fechamento à potência da vida.

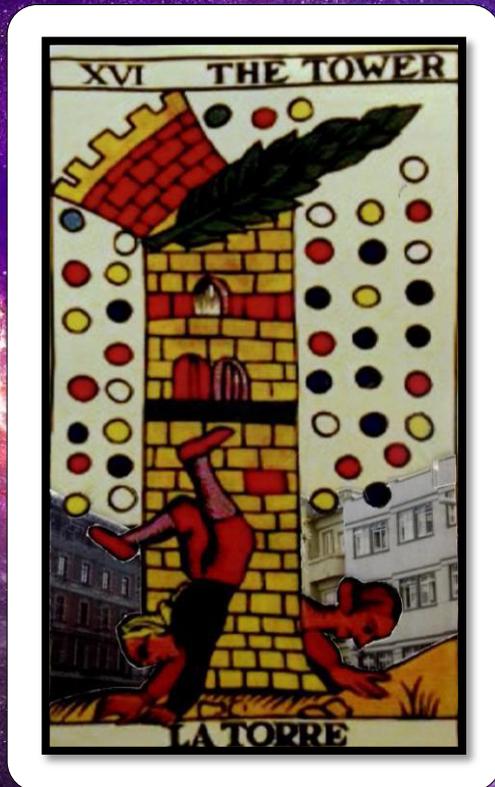
Gilles já dizia que **uma vida é a imanência da imanência, a imanência absoluta: ela é a potência.** Aqueles que recém nascem são atravessados por essa potência, pela vida imanente. E aí é que está! Vincent não tirou sua própria vida por ser louco. Vincent, meus caros, não era louco. Vincent vivia no pensamento do Fora. Mas, assim como Ana, Vincent percebeu ser incapaz de viver a vida em sua plena potência e como fazia em sua pintura, encontrou no suicídio, o ponto final mais apropriado para essa existência.

*Porque a humanidade não
quer pagar o preço de
viver, de entrar neste
conflito natural das forças
que compõem a realidade
para extrair daí um corpo
que nenhuma tempestade
poderá danificar.*

Antes de pôr em prática a derradeira decisão de dar um ponto final, Ana deixou um manuscrito onde dizia: **te deixo meus textos póstumos. Só te peço isso: não permitas que digam que são produtos de uma mente doentia!**

Infelizmente - tal e qual temia Ana sobre o destino de sua obra - quando se trata de Vincent, a sociedade deixa de lado o que realmente interessa e se agarra, ainda hoje, às leituras simplificadas e inférteis que se apegam a uma pretensa “psicologia” do artista, mergulhando dia após dia nesse “obscurantismo biográfico”, baseado em orelhas cortadas e interpretações subjetivas de mensagens que ele não deixou. Vincent não era louco.

Este ensaio foi escrito, na verdade, por Airon Jordani. Vincent, na verdade, é Vincent Willem Van Gogh. Antonin, na verdade, é Antonin Artaud. Pierre, na verdade, é Pierre Loeb. Charles, na verdade, é Charles-Pierre Baudelaire. Edgar, na verdade, é Edgar Allan Poe. Isidore, na verdade, é Isidore Lucien Ducasse, conde de Latrémont. Peter, na verdade, é Peter Pal Pelbart. Gilles, na verdade, é Gilles Deleuze. Ana, na verdade, é Ana Cristina Cesar. Michel, na verdade, é Michel Foucault. Maurice, na verdade, é Maurice Blanchot. Friedrich, na verdade, é Friedrich Wilhelm Nietzsche. Os textos escritos em marrom, na verdade, são de autoria de Antonin Artaud. Os textos escritos em cinza, na verdade, são de autoria de Peter Pal Pelbart. Os textos escritos em laranja, na verdade, são de autoria de Gilles Deleuze. Os textos escritos em vermelho, na verdade, são de Michel Foucault. Os textos escritos em verde, na verdade, são de autoria de Ana Cristina Cesar. O resto, possivelmente, é tudo mentira.



XVI – A Torre (A Casa de Deus): esta carta do tarot de Marselha pode indicar tendências egoístas e egocêntricas, bem como pessoas excessivamente orgulhosas; ela também representa duas coisas muito importantes no caminho da felicidade: necessidade de um constante controle financeiro e equilíbrio emocional; A Torre significa necessidade de aprendizado, principalmente para lidar com as inseguranças comuns do dia a dia.

O esconderijo

Rafael Fontes Gaspar

A primeira cena do dia,
a luz do sol.

Café da manhã,
na praça,
pombos, ratos e pipocas.
Uma fauna infernal!
O coreto, a fonte e a sombra,
na paisagem urbana,
o oásis do andarilho.
No mesmo lugar,
os malandros perambulam.
É hora de partir.

A rua
na selva de concreto e aço.
O labirinto
entre placas, letreiros, setas, semáforos,

andorinhas, árvores e nuvens passageiras.

O outdoor me guia,
o azul do céu,
o cinza da fumaça,
o som da rua,
as buzinas e sirenes,
o grito dos loucos
e “uma dose violenta de qualquer coisa”.

Uma intoxicação dos ruídos, das luzes e dos cheiros,
das comidas e do mijo dos bêbados impregnado nas travessas.

12

Restaurantes, bares e mesas,
jovens e estudantes,
servem-se aos prazeres da mesa e do álcool.

Vestem roupas antigas de brechó,
botas, ternos, lenços e chapéus.

O resto das comidas sobram no pratos,
bifes, saladas, hambúrguers e batata fritas,

acompanhadas de copos de cerveja, taças de vinho, xícaras de café,
com charutos e cigarros.

Sentar-se à mesa sem ser notado,
eis a “gastronomia do olhar”.
Às vezes como bem, às vezes mal.
O que sobra, os restos.
Nada se perde, nada desprezo.

Fascínio e obsessão,
de recolher objetos perdidos pela cidade.
Pequenos brinquedos, televisões antigas e manequins.
Trocas, antiquários, objetos colecionáveis, vendas e memórias perdidas.

Na banca de jornal, pela manhã,
o cigarro e a desgraça circulam.
Uma cega conta as tragédias do bairro.
A notícia, o roubo na farmácia.

Na calçada,
por acaso, vagando com a sorte, ao virar a esquina,
um imenso outdoor escrito: “Viva o lado bom da vida!”

Abaixo, um bueiro com a tampa aberta.
É um sinal! Logo, entro e fecho a tampa.
Encontro uma pequena pausa, entre a noite e o dia.

Mas, preciso voltar às ruas,
buscar a mala empoeirada,
carregada de sonhos e esperanças que deixei para trás.
Percorrer o centro antigo, visitar as construções abandonadas, desmanchar as estantes, mesas, portas e carregar as lembranças perdidas em caixas de papelão com os bonecos, carrinhos e caminhões, sem pernas e sem rodas.

A despedida na cidade.
No dia, a tarde, a chuva e o sol,
na imagem do arco íris, o encontro de Deus com a terra.
Dia pleno, leve, sublime e a rua como fonte de experiência, única.
Muitas cores, o céu de outono e a lua preguiçosa.
Anoitece, hora de voltar.

Dentro do esconderijo com a tampa fechada,
o lugar acolhe os meus sonhos, imaginações e prazeres,
a coleção de brinquedos, a estante improvisada,
pedaços de pão velho, as guimbas de cigarro e um resto de conhaque.

A luz da vela,
o espírito adormece.
No íntimo,
o silêncio da noite.

Um lampejo!
O eco de vozes,
de gritos, inconfundíveis e solitários.
A vela apaga. São fantasmas, não me escutam!
Surge uma segunda noite no mesmo dia,
ruidos reverberam pelas cavidades.
No íntimo, o estranhamento.
Pergunto-me, será que tenho companhia?
“Aqui não há ninguém e alguém.
Estou oculto e não estou”.

Escuto relâmpagos.
Uma tempestade paira sobre minha cabeça.
Uma torrente de água escoar nos meus pés, o fluxo aumenta.

Estou sem saída!

Obrigado a passar uma noite no inferno, no Hades urbano.

Nos labirintos do palácio subterrâneo
do deus do pesadelo e da loucura,
onde escoam as forças da cidade,
que a atravessam e me arrastam, para o fim,
no lago de lágrimas dos pecadores,
onde não terei sequer uma moeda para o barqueiro que me espera.

Na pele,
a lama,
suja e fétida.
Engolido pela boca do inferno,
na selva escura do pecado,
sem cessar, ao meu lado, o demônio se agita.

Poderia o céu estar às avessas?
A casa da criança na árvore, invertida?
Construída debaixo da terra e regida pelo signo de Saturno?

Quem sou “eu”? Agora, não importa!
Desmancho-me junto com as coisas.

Estou morto, agora sou fantasma.

“Cidade monstruosa, noite sem fim”.

Sinto o poder da força subterrânea,
da força que emana, onde os metais mais preciosos são extraídos.

Esse buraco, “intestino de Leviatã”, encarnou toda a minha vitória, derrota e esperança
de vida, “cloaca do inferno”!



X – A Roda da Fortuna: simboliza as eventuais e positivas mudanças da vida, sempre no intuito de evolução: mudança de ares (de emprego), mudança de lar (para uma residência mais espaçosa e confortável), mudança de relacionamentos amorosos e de amizades; esta carta do tarot de Marselha também é indicadora de sorte, como seu próprio nome diz (fortuna): A Roda da Fortuna representa novas portas, janelas e oportunidades, coisas que inevitavelmente estão para acontecer, esforços e iniciativas em curso.



Marta Facco

]SEN.TAR[: Sedar, Sentir, Sedação, Sentação, Sentido, Sentado.

18

Sentar = Possibilidade de não estar, não existir, ser sedado, afetado.

Ato de repousar sobre algo; sedar; acalmar; acomodar o que incomoda; flexionar as pernas até apoiar a bunda no assento; ação de esperar; movimentação dos corpos em direção ao repouso; a busca pelos corpos cansados; repousar o incômodo, desacomodar o outro; descansar; assentar-se.

DESASOSSEGO*

A primeira vez que a vi tive certeza;

A palavra não basta para a verdade que ela contém;

Preciso inventar uma pele para tudo;

Então o corpo some, mas antes disso enfesta bem um ambiente, faz seu mal contente;

Como todo mundo, comecei a fotografar as pessoas à minha volta, nas cadeiras da varanda;

Ele me diz com o ar um pouco mimado que a arte é aquilo que ajuda a escapar da inércia;

Antes te dava chás de cadeira alternados com telefonemas de consultas;

Saí deixando pistas;

Galguei a ladeira com caretas, antecipando o frio e os sons eróticos povoando a sala esfumaçada;

Ninguém mais tem direito a vida privada, tudo é público;
Após o objeto vem a imagem;
A identidade de um objeto depende antes de mais nada de sua opacidade;
Cansei de arrancar a pele das coisas, dá sempre o mesmo;
A pele solta quando o interior seca;
Estou te dizendo isso a oito dias;
É sempre mais difícil ancorar um navio no espaço;
Eu sentia um calor terrível, inquieta na cadeira branca de ferro coberta de hábitos pretos;
A mala repousa nesta cadeira aqui;
Mas as aparências desenganam, estou desenganada;
Falar me tira de pauta, vou passar a desenhar, para sair de pauta;
Lá fora encontrei o outro de todos os mundos;
E ali sentada, com o casaco do morto na cadeira, tuas mãos prévias enganam o objeto;

Estou farta dessa falta enxuta, dessa ausência de objetos rotundos e contundentes;
É tudo uma questão de ordem, me disse ele subindo a escada;
Mas foi, embora abismos contorcidos se abram e se fecham a todo o momento;
Embora coisas imóveis perpassem e retornem;
Embora ninguém fale, e as vozes encham o ar;
De um objeto sem nome não sabemos o que fazer;
Agora o que você não fez está feito;
Ganhou frágeis dobradiças em seu corpo;
Sendo móvel, vai onde quer;
Livre, leve e louca;
Querendo querer o que não queria, mas quero;
Vai por aí, perambulando e enchendo o mundo com palavras inúteis e formas decompostas;
Não escrevo mais, estou desenhando numa vila que não me pertence;

Ouço murmúrios de uma mobília morta;

Sem passado nem presente;

Relação de uma não relação, um tempo sem tempo;

Aqui o tempo se fazia ao contrário;

Meu desejo era boiar como um cadáver na existência da linguagem;

Eu não sei focar ali no jardim;

Não sei escrever versos;

Por isso prefiro imprimir decalques de mentiras em muros reais;

Preciso esquecer a felicidade, mas não a ponto de ser infeliz, só até esquecer;

A lembrança é a liberdade do passado;

Escrever é sair de si mesmo;

Mesmo que o disforme acabe se organizando pelas bordas;

E o devir seja um desvio mortal;

Na verdade, tudo me leva ao indesejável;

Não se confessa os próprios sentimentos;

Continuo a insistir que sua ironia é arrogante demais, sugiro que a torne mais velada, mais sutil, oculta entre as dobras;

Então, basta subir as escadas e sentar nos degraus e encostar a cabeça nos tijolos;

A linguagem poética é assim, existe em estado de contínua travessia para o Outro;

Escrever é a travessia da vida;

Habitar sem hábitos;

Descobrir o interminável;

Fazer-se oco do que não pode parar de falar;

Um azul que por afrontamento do desejo insiste na maldade de escrever;

Um diálogo de surdos.

Marta Facco, junho de 2017.

*Narrativa construída a partir de fragmentos de textos de Ana Cristina Cesar, Nuno Ramos, Maurice Blanchot e Gilles Deleuze.

Referências

BLANCHOT, Maurice. *A parte do fogo*; Trad. Ana Maria Scherer – Rio de Janeiro: Rocco, 2011, pp. 82-93 e 309-351.

———. *A conversa infinita 3: a ausência de livro, o neutro o fragmentário*; Trad. João Moura Jr. – São Paulo: Escuta, 2010, pp. 141-151.

———. *O espaço literário*; Trad. Álvaro Cabral – Rio de Janeiro: Rocco, 1987, pp. 9-25.

CESAR, Ana Cristina. *Poética*. São Paulo: Companhia da Letras, 2013

DELEUZE, Gilles. *Crítica e Clínica*; Trad. Peter Pál Pelbart – São Paulo: Ed. 34, 1997, pp.11-16.

———. *Foucault/Gilles Deleuze*; Trad. Claudia Sant'Anna Martins; revisão da tradução Renato Ribeiro – São Paulo: Brasiliense, 2005, pp.78-100.

RAMOS, Nuno. *Cujo*. Rio de Janeiro: Ed.34, 1993.



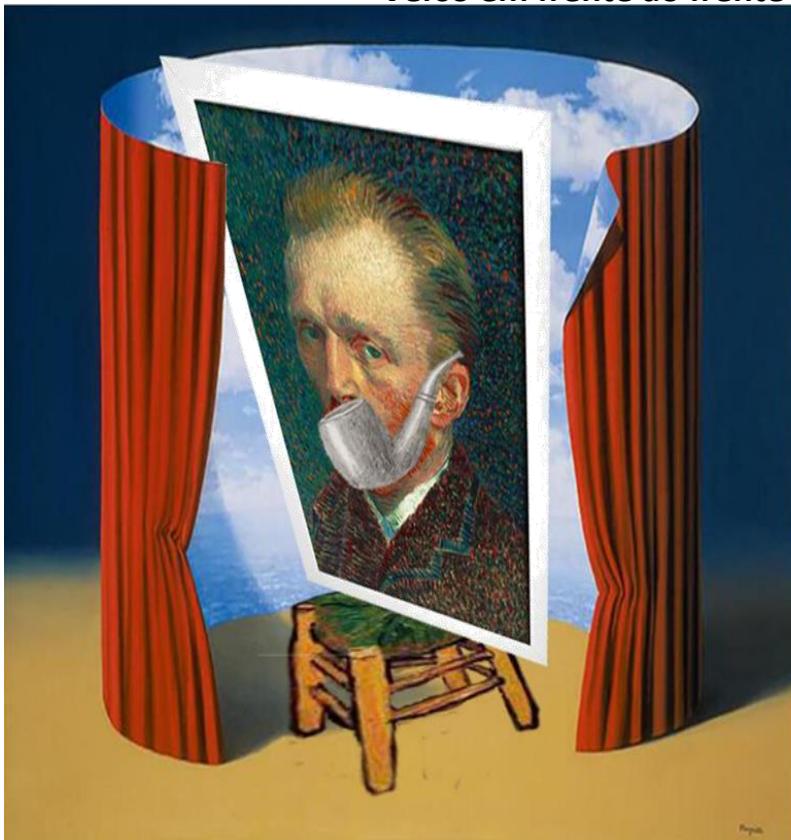
XVIII – A Lua: representa, dentre outras coisas, atos instintivos, poder da imaginação sem limites, fantasia, mistério e magia; a carta do tarot de Marselha A Lua está muito relacionada ao mundo onírico (sonhos) e é indicadora de força e coragem espiritual; uma lição importante que ela traz é para evitar se deixar levar por quaisquer pensamentos, sejam bons ou ruins, ou seja, vale o velho ditado “pensar duas vezes antes de tomar qualquer atitude ou realizar qualquer ação”.

Verso em frente ao frente verso por Lucas Prestes

DESENHOS EM BRANCO

25

RASCUNHO [ESCRITO DO TEMPO]



A cor que há forma em seu mundo
pintado por entre camadas
tingidas em tons de veludo
cortantes igu'alma navalha
sentidos alcance do tempo
vivididos, consigo em nada
terá parcelso contido
aos olhos de quem o pintara

rara felicidade
peço que quando vieres
traga contido algum verso
das razões par'aquele grito
que me preencheu todo peito

escrevia, então, tudo aquilo que
imprimisse
ar de coisa que valesse
como linha digna de curva
em superfície viva como pele

um pedido de ajuda foi feito
ao menos esse era o sussurro
que lhe ouvia aos olhos rangendo
dos gritos que vinham da sala
na parede ligada e estarecida
enchida de sonhos que consumia
palidez de uma tela enrugada

seu sorriso lembrava saudade
sonhada igual liberdade
no rosto de quem se chegar
com quem se quer sempre sorrir

réu confesso de minha sobrevivência

fundamental

alimento o mundo comprando meu querer

no comércio da contradição diária

que me faz assim perceber

como um esfomeado que a toma em mãos

o acalentar da sede daquilo que não se fala

o olhar que me fez te querer

encontrou o meu jeito de amar

que me cobri as montanhas ao vento

encantado num simples tocar

pela boca macia de viver

esse universo infinito em constelar

poesia a conta gotas de palavras
esperando na escrita de um caminho
que me leve justamente para fora
das loucuras que tomam em juízo

coloquei toda a carne pra cozinhar
saciando minha cede de morte
fome de tudo que não dá pra negar
muito menos contar pela sorte

olhou bem no fundo do quadro
sem entender coisíssima alguma
concluiu sobre o nada presente
na imagem da própria figura

um ponto que se transformasse
qualquer coisa em que se bastasse
sentado ao passo e despido
com certo sentido em si mesmo
sem ter-se de fato oprimido
enquanto se vive em sujeito

amanhã compro a água que falta
para saciar a sede que me esturrica
boca seca de teus lábios rachados que
num sorriso amarelo contamina de
silêncio

amor... ... fina razão ao sorriso desconexo
casulo de alegria no sentido inserto
borboleta que paira no azulado de teu céu
cristalino como rio de correnteza forte dos
olhos

percebi as referências do cumprimento
era alguém cuja além se falava
ao primeiro contato incerto
na planície contida na palma
da mão ao primeiro toque

embacei o espelho achando encontrar
aquilo que um dia consigo mais ver
peguei emprestado no teu caminhar
esperança da imagem que nunca serei
coloquei-a enfrascada no quadrado do
tempo
só pra lembrar

levou à boca a essência dos devaneios
carnais escreveu cartas dos roteiros banais
desenhou episódios para uma vida
qualquer guardou-as na gaveta da
memória

e as queimou sem perceber pelas traças

em chamas

adentro no ventre no antro
na trama do olho do tempo
nos braços me sinto acalanto
aos olhos te vejo sedento
nesse estado de graça que talho os sulcos
na alma daquilo que chamo de vida

vida rasteja
muito rente ao no chão
sempre em baixo dos pés
encoberto de um céu
do céu da boca de alguém
que pisa

enterrados foram os espaços
que os traços souberam cobrir
pelas brechas cravadas no solo
do papel que não quer aderir
à forma
da palma escrita na raiz da tua mão

o jaraqui desliza
pela mucosa gosmenta
que sacia as entranhas
à espera de um mergulho, fatal
desmembrado pela serrilha, do metal
é levado ao cabo
pelo tridente da justiça
intragável

saiu para catar o vento que soprou
aos ouvidos do seu oriente
mas mal soube ele que
em coisa mais enfezada se
o vento desses ares trouxesse

tudo começou naquele dia
lembrei de um lugar e sorri
quando abri o álbum de fotografia
existia uma fina poeira
nas lembranças daquela situação
estranho cair da árvore naquela idade

Todo dia pela manhã descia
as escadas tremulas correndo
no alto, um punho serrado
na voz, a garganta embargada de vento

tatuagem essa que não sei bem
se me fico ou se faço graça
no azul do céu que te apontei
há o cheiro da terra quando molhada
pelas chuvas de verão

alardeou sua inocência

num claro grito no escuro

contaminou-se de injeções e raiva

pelo o que ainda há de vir

em saber mesmo que chegava ali

a linha estrada de sua caminhada

sua boca estava perplexa

pelas vidas cantadas em versos

mencionaram seu nome na rua

num dos sambas de dona Onete

se você estiver afim, assim será
o que quero como nunca, se topar chego
na tua casa lá pelas 16h
levo quitutes e minha amizade sincera
para tomarmos café da tarde

não posso matar um poeta como você
fica aí produzindo essas coisas sem rumo
parece desenhos que se movimentam
em direção às linhas de Vênus
que faz em processo pintura

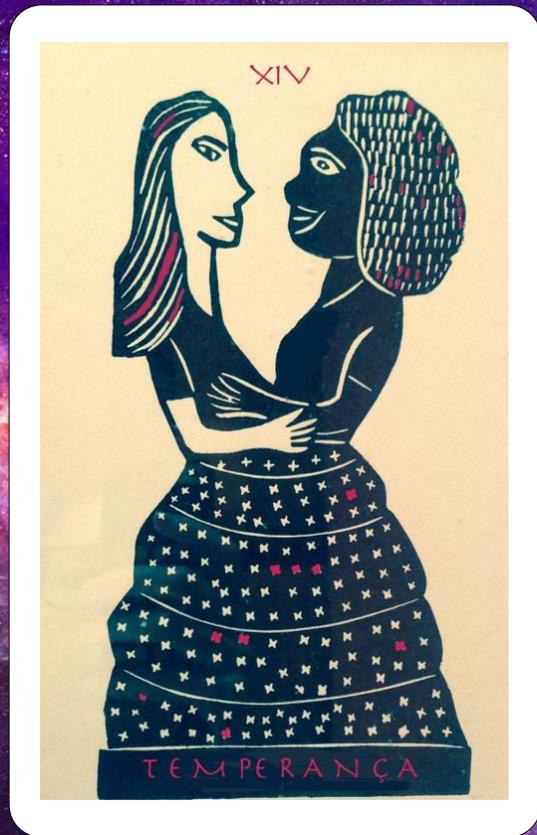
enquanto o tempo não vem
vou matando a saudade da alegria
foi ela quem me colocou nos teus braços
acariciando as angustias feridas
na fila de suplementos energéticos

Ítaca para além

acendi o último trago
não aguentava mais uma vírgula
a cada meia dúzia de bocejos
o café me vinha à boca mostrar
que acordado em mantinha em silêncio

pelo simples desejo do mar
olhar...

o lugar de onde falo esses versos
se parece com cheiro de prata
ao cair no luar de um sereno
igual chuva jazida na mata



XIV – A Temperança: simboliza principalmente o equilíbrio: pessoas serenas, tranquilas e compassivas; representa a busca por harmonia e estabilidade, é indicadora de novas descobertas, talentos aflorando e surgimento de novos amores e amizades; esta carta do Tarot de Marselha significa a resolução de problemas, o clareamento de ideias que levam a soluções geniais, antes impensáveis, que estavam bem debaixo de nossos olhos.

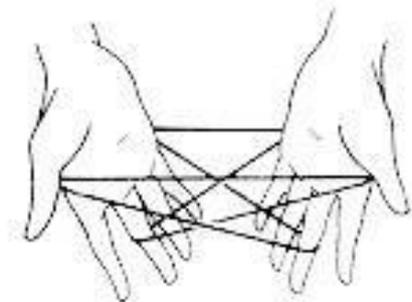
[A palavra não é mais ação, mas um lugar que podemos visitar]

41

Por Monica Hoff

Na vida há pelo menos 5 coisas básicas maravilhosas
[_____, _____, _____, _____, _____]. Nenhuma
delas, contudo, é a educação.

Na ordem historicamente construída como natural das coisas, a educação é o departamento da vida destinado à construção de conhecimento. Sendo assim, de acordo com a matemática mais elementar idealizada por esta mesma ordem, onde não há educação, não há conhecimento. Nossa sorte é que não vivemos apenas de matemáticas elementares - mas também de poesia, encontros inesperados e aprendizagens enviesadas que não identificamos como educativos e que operam mudanças extraordinárias na nossa maneira de pensar, amar e estar no mundo. E isto, à revelia das teorias, é educação.



Partitura para uma pedagogia descarada e delirante, ou: 22 modelos para desarmar e um convite

1. Na educação, ainda que pareça um paradoxo, interessa o que não é educação.

"eu minto, eu falo" carrega a possibilidade de uma mentira e a possibilidade de uma verdade

2. Educação, seja qual for, não é pedagogia.

45

"a verdade sem conteúdo"

3. A pedagogia, por sua vez, é transitória ou tampouco poderá ser pedagogia.

"a presença que só é possível pela presença de sua ausência"

4. Nem tudo o que chamamos pedagógico ou educativo é

educação. E nem tudo o que chamamos educação é educativo ou pedagógico.

o que é uma vidaracional? não existe nenhum critério racional para defini-la.

: o outro de todos os mundos

5. A qualidade de “educativo”, à revelia das intenções que o engendram, não é garantia de educação.

liberdade em potência 46

6. A palavra educação tampouco é garantia de alguma coisa. Em geral, ela é um simulacro da educação, não a educação.

“a não-relação como relação: a palavra é a inexistência manifesta do que ela designa”

7. Na educação, para ser educação, a satisfação não pode ser garantida.

a vida comporta um mínimo de desperdício.

8. Ela é desobediente por natureza - escreve contra si, se põe a prova, desconfia do que pensa e do que fala, se leva à loucura.

é preciso ser corajosamente negligente

9. Trata-se de um lugar de imaginação, sob o risco de não ser educação.

47

10. A imaginação por sua vez, insubmissa por condição, nada tem a ver com reflexão. Onde existe demasiada reflexão existe também demasiada reconhecimento. Reconhecimento é repetição. Por repetição é como o pessoal da "ordem natural das coisas" nos ensinou a ver o mundo, e isso mata o tesão da imaginação. Onde não há tesão não há nada.

e isso é evidentemente flagrante para o amor

11. Se a arte está onde aparentemente não está, e o papel da educação é irregular, inexato e impreciso, a imaginação é o que nos apresenta ao que ainda não existe. E isso pode ser uma libertação!

ele se exerce antes de se possuir:

pois o senso comum é sedentário

12. A educação, assim como a arte, é, um exercício crítico de imaginação. Uma ficção visionária. A realidade é outra coisa.

um útero é do tamanho de um ~~punho~~ universo

o fora é o reino do devir

13. A educação, assim como a arte, não é um lugar de paz.

14. É na confusão entre o que é arte e educação que ambas existem plenamente. Tentar amarrá-las para que sejam uma única coisa ou compartimentalizá-las em blocos distintos será sempre um erro brutal. O conflito é, muitas vezes, senão a única, a melhor maneira de nos tocarmos.

pensar não é refletir. pensar é uma prática

e o afeto é extrainstitucional

15. A educação é o conflito entre o antes e o depois, sem que haja contudo separação temporal entre eles. Não é um lugar para a razão.

gostava muito de uvas, mas em não havendo uvas gostava também de bananas.

16. Na educação, algo sempre está/estará incompleto.

como se o navio fosse uma dobra no mar

17. Onde não há instabilidade, dificilmente haverá educação.

a loucura, base da razão
a razão, nossa linha de feitiçaria

18. A instabilidade, por sua vez, não é apenas o que o outro nos provoca, mas também e principalmente, o que fazemos ou nos permitimos viver com o que o outro provoca em nós.

NO MÁ S U J E T A D O R E S E N L A V I D A !!!
- dizia.

50

19. A educação, à revelia de si mesma, é a grande oportunidade de sairmos da racionalidade programática rumo a outros modos de relação e existência física, emocional, mental, corporal, amorosa, política; a outras formas de construir conhecimento que vão além da ideia que temos sobre o que seja o conhecimento.

não faça como eu faço, faça comigo:

20. Na educação há pelo menos 5 coisas básicas maravilhosas [_____,_____,_____,_____,_____]. Nenhuma delas, contudo, é a educação, pois na educação, assim como na arte, interessa o que ainda não é educação.

não o abismo do vazio, mas a plenitude do vazio

21. A construção de modelos só serve, de fato, a quem os constrói. Portanto, desconfie sempre, e de tudo. As coisas não são o que (não) aparentam ser.

51

onde não há amor não te demores.

22. Sempre que me pedem coisas sobre educação, eu as invento descaradamente.

las mujeres suelen ser así.

Isto é um convite!



VI – Os Enamorados: representa ou é indicativa de situações de dualidade, dúvidas e incertezas; trabalha com o conceito do “talvez”, das probabilidades, da necessidade de se fazer escolhas; esta carta do tarot de Marselha passa uma mensagem de que nada na vida é irreversível, definitivo ou para sempre; pode indicar também o início ou o término de um relacionamento.

XII – O Enforcado: representa o poder de um ato de sacrifício em prol de algo maior; esta carta do tarot de Marselha também simboliza a necessidade de se abrir mão dos desejos carnisais e materiais e ter mais foco na parte espiritual; O Enforcado mostra uma pessoa com dons para ser sensível e pode ser indicativa de mudanças drásticas em nossas vidas; resiliência, adaptação a situações difíceis e quebra de padrões.



Não Saber

Taliane Tomita 53

Se me calo, canso

Se falo, me afogo sem calma nas palavras

Que correm como atletas olímpicos em busca da honra dourada

Assim também falam loucamente os que ficam presos

Lá fora, um mar de nuvens em dia de Sol

Enquanto não se sabe ao certo por que permanece ali
Com o tempo se entende ou desentende
Ou tenta-se fazer daquela mistura de tudo e de nada um local de encontros, bons encontros.
Vozes, realidades e mundos palavreados
Quando falamos, tornamo-nos senhores das coisas com uma facilidade que nos satisfazⁱ
A palavra é [...] a segurança da vidaⁱⁱ
Já decidiram se Plutão é um planeta anão? Ou não?
De um objeto sem nome não sabemos o que fazer
O nome não saiu da coisa, ele é o seu dentro
[...] sendo ainda a sua intimidade ocultaⁱⁱⁱ
Mas palavras mudam, emudecem, movimentam-se,
Mostram o inverso e criam mundos, testando nossa flexibilidade
Aprendemos a trocar conceitos por noções
A ver o ensino da Arte andar acompanhado

Se andar com alguém ou algo não ande sob ou sobre ele
Tagarelando incessantemente como a passageira de uma velha Kombi,
já sem freios de tanto uso,
que desce depressa a longa e inclinada servidão.

Não nota as falas da vizinhança
por estar com as vidraças fechadas,
impedindo o vento de entrar
e bagunçar o cabelo molhado.

Preciso aprender a passear com charme
e rir de todos os meus tropeços.

Fazer do pensamento um castelo de areia
para que a dança da lua possa elegantemente dissolvê-lo

E a cada maré algo se refaça a partir da diferença

Quem sabe uma janela nova ali
Daquelas bem grandes, de vidro, para ver o bocejo do Sol
e o avesso do céu.



Quisera eu não me fixar nas palavras,
Apesar do cimento jogado no meio da rua
Das marcas que confirmam sua passagem
Quem sabe ainda as atravessasse!^{iv}
Pelo menos, vontade.
Difícil brincadeira
Ser educadora, ser artista
Quebrar os significados,
moldá-los e moldar-se
Sem molde
Mole, sem forma
Ver na falta a potência
Se o desejo for satisfeito, a máquina de pensar não pensa^v.
Tentativas de soltar-se das gavinhas da tranquilidade do comum.
Palavra que retira a realidade, torna ausente, aniquila.^{vi}
a morte [...], nas palavras, é a única possibilidade de seus sentidos.^{vii}





A linguagem só começa com o vazio;

Nenhuma plenitude, nenhuma certeza, fala;^{viii}

Sair em busca das inquietudes e contradições

Deslizar pela escuridão da Noite

Mãos dadas com a linguagem mesma

que se faz ambiguidade [...]

que pela negação realiza

permite versões

Só falamos fazendo da palavra [...]

Realidade que é presença material,

e sentido que é ausência ideal.^{ix}

Só podemos mesmo ser todos loucos
Gostar de brincar o jogo das forças da Noite
Queremos o *outro de todos os mundos* ^x
Esse não-lugar
Queremos as distâncias entre as forças
... a Diferença^{xi}
Que afasta a reconhecimento, a representação,
o sofá de casa.
Destituir-se de si
Fabricar realidades, entender autonomias
Metamorfosear.
Quem fala é,
Pois quem fala é a própria palavra^{xii}
com significantes nômades, que migram a cada leitura,
[...] significados múltiplos, móveis, abertos^{xiii}.

Ainda sem nenhuma insígnia
Dar um passeio estilo escoteiro
(dormir sem barraca ou cobertor e não levar comida)
Surfar sobre o algodão doce sem corante cor de rosa
Atravessar os pés;
Vento, cristais.
Tornar pensamento criação
Jogar as palavras para o alto
Deixá-las transmutar-se na ida e na volta
Vestígios de um não-saber
*Extrair a Figura improvável
do conjunto das probabilidades figurativas^{xiv}.*

Então, coloquei muitas delas (palavras) numa caixinha

Tentei sacudir com força

Dançaram com alegria

Algumas escorregaram, outras desenharam

Outras ainda, viraram pó.



Notas

- ⁱ BLANCHOT, Maurice. **A literatura e o direito a morte**. In: A parte do fogo; Trad. Ana Maria Scherer – Rio de Janeiro: Rocco, 2011, p. 330
- ⁱⁱ Ibidem, p. 331
- ⁱⁱⁱ Ibidem, p.331
- ^{iv} BLANCHOT, Maurice. **A linguagem da Ficção. In: A parte do fogo**; Trad. Ana Maria Scherer – Rio de Janeiro: Rocco, 2011. p. 82. A frase original utilizada como referência encontra-se do seguinte modo: “[...] Não me fixo nas palavras, eu as atravesso [...]”.
- ^v ALVES, Rubem. **Ao professor com o meu carinho**. Raissa Castro Oliveira (org.). Campinas, SP: Verus Editora, 2004. p. 53.
- ^{vi} BLANCHOT, Maurice. **A literatura e o direito a morte**. In: A parte do fogo; Trad. Ana Maria Scherer – Rio de Janeiro: Rocco, 2011, p. 331. Frase original: “Para que eu possa dizer: essa mulher, é preciso que de uma maneira ou de outra eu lhe retire sua realidade de carne e osso, que a torne ausente e a aniquile.”
- ^{vii} Ibidem, p. 332.
- ^{viii} Ibidem, p. 333
- ^{ix} Ibidem, p. 348
- ^x LEVY, Tatiana Salem. **A experiência do fora: Blanchot, Foucault e Deleuze**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.p. 25.
- ^{xi} PELBART, Peter Pál. O Pensamento do Fora. In: **Da clausura do fora ao fora da clausura: loucura e desrazão**. 2. ed. São Paulo: Iluminuras, 2009. p. 121.
- ^{xii} Ibidem, p. 65.
- ^{xiii} MALUFE, Annita costa. Ana C.: **A crítica por trás da poesia**. In: Revista Letras, Curitiba, n. 62, p 27-40. Jan/abril. 2004. Editora UFPR. p. 37.
- ^{xiv} PELBART, Peter Pál. Caos- Germe. In: **Da clausura do fora ao fora da clausura: loucura e desrazão**. 2. ed. São Paulo: Iluminuras, 2009. p. 104.

Referências

ALVES, Rubem. **Ao professor com o meu carinho**. Raissa Castro Oliveira (org.). Campinas, SP: Verus Editora, 2004.

BLANCHOT, Maurice. **A parte do fogo**; Trad. Ana Maria Scherer – Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

. **A conversa infinita 3**: a ausência de livro, o neutro, o fragmentário. Tradução de João Moura Jr. São Paulo: Escuta, 2010. CESAR, Ana Cristina. **Poética**. São Paulo: Companhia da Letras, 2013.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e Clínica**; Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997.

LEVY, Tatiana Salem. **A experiência do fora: Blanchot, Foucault e Deleuze**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

MALUFE, Annita costa. **Ana C.: A crítica por trás da poesia**. In: Revista Letras, Curitiba, n. 62, p 27-40. Jan/abril. 2004. Editora UFPR.

PELBART, Peter Pál. **Da clausura do fora ao fora da clausura: loucura e desrazão**. 2. ed. São Paulo: Iluminuras, 2009.

Imagens: 1, 5 e 6 - Montagens a partir de fragmentos fotográficos (acervo pessoal) retirados em exposição no Museu de Arte de Santa Catarina (2017) da obra "Paisagem", 1984 de Arnaldo Antunes.

Imagens: 2, 3 e 4 - Fotografia. Acervo pessoal.